

Civilização em traços próprios

Brasília torna-se “a chave do arco da pedra”, o ponto alto de contradição dessa civilização, que mostra ao mundo a cara da arquitetura brasileira e permite a qualquer estrangeiro que cair de pára-quedas na Praça dos Três Poderes se tocar: “Pô, estou caindo no Brasil”. É afirmada uma nova civilização sobre traços próprios.

Mas eis que chega a revolução e a paisagem é afetada. Porém, as contradições expressas no espaço continuam a seu modo a mostrar que somos preto, branco e amarelo. “Uma réplica da Casa Branca no Lago Sul”, diz Cláudio Queiroz, “faz parte desse cenário. O peso da cultura é fortíssimo na arquitetura.

A cidade acaba absorvendo os desvios, e um templo budista, se do ponto de vista arquitetônico é kitsch

com seu ar de pagode coberto de telha eternit, vira referência do ponto de vista urbano. O fulano diz: “Estou na 314 sul, olha a messiânica ali”. “Mesquitas, casas que imitam cabanas indígenas americanas perto do Catetinho, são resultado da nossa cultura nipo-texana”, explica Queiroz. A primeira casa que Oscar Niemeyer construiu para si próprio em Brasília também é em estilo colonial.

Tolerância - O diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB frisa que a tolerância da cidade para o fato arquitetônico habitacional é natural. Duro é vê-la tomada de assalto pela variável econômica do luxo. O tombamento de Brasília, segundo lembra, foi feito para guardar a proporção da cidade e a natureza do lugar. (A.T)